

**O(a) docente como tradutor(a) e elástico:
uma experiência sobre a transmissão da psicanálise na universidade¹**

Bibiana Massem Homercher²

Resumo

Transmitir a psicanálise na universidade está em discussão desde seu primórdio. A educação e a psicanálise se encontram no axioma clássico freudiano: educar, governar e psicanalisar são profissões impossíveis. Assim sendo, este artigo tem como intuito refletir sobre a postura do(a) docente em sala de aula, no ensino da psicanálise na universidade, alicerçado em um relato de experiência de uma estagiária docente. A disciplina em que foi realizado o estágio tem como título “Constituição do Sujeito Psíquico” e pertence à graduação de psicologia de uma universidade no sul do Brasil. A metodologia do artigo é um relato de experiência narrativa fundamentada na investigação psicanalítica em forma de ensaio. A convergência entre experiência, práxis e teoria tecem este ensaio. Para isso, são retratadas duas posturas possíveis do(a) docente em relação à transmissão da psicanálise na universidade. Inicialmente, discute-se, com o auxílio de Walter Benjamin e Jacques Derrida, a metáfora do(a) docente como tradutor(a). Posteriormente, na segunda parte da discussão, pensa-se o(a) docente como elástico, para isso, utilizando como subsídio os principais autores: Paulo Freire e Sándor Ferenczi. Essas posturas surgiram como reflexo da experiência de estágio docente e mostram a construção de possíveis caminhos de transmissão da psicanálise na universidade no cenário contemporâneo. As posturas pensadas não são excludentes, pelo contrário, confluem.

Palavras-chaves: Psicanálise e educação. Professor(a) tradutor(a). Professor(a) elástico. Transmissão. Universidade.

¹ Ao longo do artigo, nas partes que conferem autoria à escrita deste ensaio, o acréscimo (a) estará presente nas palavras que podem exigir mais de uma concordância de gênero. Nas partes em que há citação, direta ou indireta, prevalece a forma escrita pelo(a) autor(a). A ênfase se justifica pelo reconhecimento a todas as docentes mulheres atuantes no ensino superior, pois, apesar de as professoras mulheres serem maioria na educação básica, no ensino superior os professores homens são predominantes, ocupando mais de 50% na educação universitária (Ministério da Educação, 2023).

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – Rio Grande do Sul, Brasil). Mestra em Psicanálise: Clínica e Cultura pela UFRGS. Especialista em Saúde Mental pelo Programa de Pós-Graduação em Residência Multiprofissional da Universidade Franciscana (UFN). Pós-Graduada na Especialização em Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Psicologia pela Universidade Franciscana (UFN). E-mail: psicologabibianamh@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3832-7899>

Introdução

Para além de teoremas e teorias, a prática educativa também acontece pela via do afeto. No breve texto *Algumas reflexões sobre a psicologia escolar*, Freud (1914/1976) faz um delineamento sobre a relação entre professor e aluno. A figura do docente não está atrelada apenas ao aspecto intelectual, mas também de simpatias, antipatias, ódio e amor, podendo despertar tanto admiração como revolta (Freud, 1914/1976). Sendo assim, o interesse por determinado saber está emaranhado, de certo modo, por aquele(a) que ensina: o(a) professor(a).

O processo de aprendizagem, então, para a psicanálise, não advém apenas do domínio do conteúdo ensinado, mas da transmissão do professor, o qual lida tanto com o conhecimento científico quanto com o não-saber, o inconsciente (Diniz, 2011). Aqui cabe sublinhar a diferença entre ensino e transmissão, sendo o ensino relacionado aos aspectos conscientes e a transmissão ao que “não é pensado” (Rosa, 2001).

No manuscrito *Análise finita e infinita*, Freud (1937/2017) postula um axioma, que se tornou muito famoso e conhecido, sobre as três profissões impossíveis: governar, educar e psicanalisar. Nesse viés, como podemos refletir acerca da transmissão da psicanálise na universidade, já que é preciso se defrontar com dois dos três trabalhos impossíveis: ensinar e psicanalisar?

A abertura para tal inquietação já havia sido elaborada por Freud (1919/2010) antes do memorável axioma, em *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?*, no qual sustenta algumas formas de inclusão da psicanálise no currículo universitário. Essa abertura é interessante, pois, como afirma Andrade (2012), a psicanálise na universidade tem um lugar distinto, se comparada às instituições psicanalíticas, principalmente na pós-graduação, em função de os debates serem perpassados pelo campo universitário diverso.

Conforme Kessler e Silva (2021), “o debate sistemático acerca das relações entre psicanálise e universidade tem-se constituído, já há alguns anos, como importante campo de reflexão e de impasse” (p. 1). Para os autores, há muitos debates, impasses e até divergências a respeito da relação entre universidade e psicanálise. Ademais, a universidade também tem se mostrado um ambiente de produção acadêmica onde muitas pesquisas psicanalíticas vêm sendo realizadas, levando a psicanálise ao diálogo com outros campos de saberes e conhecimentos (Dal Forno & Macedo, 2021).

Em vista disso, apesar de a psicanálise na universidade estar sendo tecida em conjunto com o discurso científico, ela também está associada à incompletude do saber. Assim, a dimensão do desejo ganha relevância nesse âmbito (Andrade, 2012). Tal desejo é ancorado no modo como o(a) professor(a) transmite a psicanálise na universidade, e isso equivale com os afetos que permeiam sua relação com tal conhecimento — além das mobilizações advindas disso, também reverberando na sala de aula. Assim, o objetivo geral deste trabalho, construído a partir da experiência de uma estagiária docente, é refletir sobre a transmissão da psicanálise na universidade.

A referida disciplina do estágio docente pertence ao segundo semestre da graduação de psicologia e é intitulada “Constituição do Sujeito Psíquico”. A universidade está localizada no sul do Brasil. A metodologia do artigo é um relato de experiência narrativo escrito de modo ensaístico. O diferencial deste artigo é a sua base: a experiência. Além da pertinência, este

ensaio justifica-se para aprimorar e tencionar o debate da transmissão da psicanálise nas universidades, especialmente nos cursos de psicologia, cujos conteúdos psicanalíticos estão inseridos nas grades curriculares.

Para isso, são desdobradas algumas posturas docentes possíveis em sala de aula, costuradas com autores(as) da psicanálise, da filosofia e da educação. São retratadas duas propostas da postura do(a) docente na transmissão da psicanálise na universidade ao longo do artigo, sendo dividido em duas seções nos relatos e discussões. O primeiro tópico, intitulado “Originalidade, fidedignidade e transmissão: o(a) docente tradutor(a)”, traz, com o auxílio de Walter Benjamin e Jacques Derrida, a metáfora do(a) docente como tradutor(a). Posteriormente, na segunda parte da discussão, chamada “A educação opressora em interrogação: o(a) docente elástico”, pensa-se o(a) docente como elástico, para isso, utilizando como subsídio os principais autores: Paulo Freire e Sándor Ferenczi. O tópico a seguir apresenta a metodologia do artigo.

Metodologia

Transmitir a psicanálise na universidade é um desafio, principalmente por não existir “a psicanálise”, mas inúmeras de suas ramificações. Apesar disso, para partir para as variadas ramificações, torna-se, em certa medida, inevitável conhecer o iniciador desse itinerário. A jornada de ensino se baseia no estudo do fundador, para posteriormente seguir para autores(as) mais contemporâneos. Pelo menos, foi esse o percurso escolhido pela docente da disciplina “Constituição do Sujeito Psíquico”.

A citada disciplina faz parte da grade curricular da graduação em psicologia como matéria obrigatória, sendo ministrada no segundo semestre do curso diurno. Como comentado anteriormente, a graduação está inclusa em uma universidade pública localizada no sul do Brasil. Nessa disciplina, há referências a diferentes autores da psicanálise, iniciando por Sigmund Freud (1914/2017), passando por Donald W. Winnicott (1971/2019) e finalizando com Jacques Lacan (1966/1998), focando, prioritariamente, o delineamento desses autores a respeito da constituição do sujeito psíquico.

As distintas nuances da psicanálise colocam o(a) estudante a se deparar com a complexidade e a variedade da psicanálise. Em geral, os(as) discentes do segundo semestre dessa turma tinham entre 18 e 20 anos, sendo que a maioria é de uma geração que cresceu convivendo com o desenvolvimento tecnológico: a ascensão da internet, das redes sociais e inteligências artificiais, ou seja, com muito mais acesso à informação, se comparada às gerações das décadas antecedentes.

Desse modo, uma das características da sociedade contemporânea e/ou pós-moderna é a fluidez, em contraponto com a estabilidade, marcada por um ritmo acelerado do mercado, da produtividade, do capital (Cruz, 2014). Na pós-modernidade, o que está em jogo não é a estabilidade, a permanência ou durabilidade das coisas, dos objetos, dos produtos, e sim sua inconstância e descartabilidade (Castro Neto, 2022; Cruz, 2014).

O excesso de informações, advindas principalmente das mídias sociais, a impermanência constante dos objetos e o aceleração da produtividade reverberam no processo das

subjetivações na contemporaneidade. Trazer esse recorte social e cultural, no qual os(as) estudantes estão imersos, situa o(a) professor(a) com qual público ele(a) vai trabalhar e como vai aplicar a didática de ensino.

Para isso, com o intuito de refletir sobre a prática docente na transmissão da psicanálise na universidade, a metodologia deste artigo fundamenta-se no arcabouço teórico psicanalítico e em autores(as) da filosofia e da educação. E a metodologia configura-se em um relato de experiência narrativa como investigação e reflexão perante os interrogativos advindos e suscitados a partir do estágio de docência, pois, de acordo com Iribarry (2003):

Quando o pesquisador psicanalítico realiza sua investigação, o faz de modo que não apenas cite e recite teorias para em seguida validar suas aplicações empíricas; sua meta é de maior alcance: trata-se de problematizar um aspecto do campo psicanalítico e oferecer uma contribuição que não seja limitada pela confirmação da teoria (p. 128).

Então, o método deste artigo é psicanalítico, haja vista que, conforme Iribarry (2003), a pesquisa psicanalítica trabalha com o sujeito do inconsciente, com a sua imprevisibilidade e impossibilidade. Ao considerar o inconsciente, não é possível exigir uma sistematização totalitária da pesquisa (Iribarry, 2003). Com isso, a experiência é enriquecedora para a psicanálise e contribui, de modo significativo, para repensar a própria teoria no campo clínico, social e/ou educacional. Para tal, o intuito deste manuscrito é pensar em possíveis posturas docentes diante das demandas contemporâneas do ensino e da transmissão da psicanálise nas universidades. Nesse viés, a experiência é o alicerce da construção narrativa e teórica desta escrita, posto que a experiência tende a ser provocadora de inquietações. Ressalta-se que, ao ser narrada a experiência da estagiária, pôde-se abrir precedentes para diálogos com outros(as) profissionais do campo do ensino e transmissão da psicanálise nas universidades.

Logo, a experiência narrativa é uma forma de historicizar e elaborar, com fundamentação investigativa teórica, o lugar do(a) docente na transmissão da psicanálise — os pequenos fragmentos narrativos deram corpo ao artigo, posto que, tal como escreve hooks (2020), “é a sabedoria prática que nos leva a reconhecer o papel vital da intuição e de outras formas de inteligência emocional na criação de um contexto fértil para a constante busca por conhecimento” (p. 281). Com isso, a experiência da estagiária docente respalda a base “bordadeira” deste ensaio.

Destarte, a escolha da modalidade ensaística se dá em virtude de sua autonomia estética (Adorno, 2003). Como afirma Iribarry (2003):

O ensaio reflete, não contenta, não classifica. Possui uma inteligência desviada: delira e inventa coisas onde nada há. É a ficção que lhe serve de sangue, buscando o domínio da invenção, da criatividade diante do já feito, já visto, e também do nunca tentado. Reúne, portanto, o homem de fatos da ciência com o homem aéreo da poesia. Aceita o terror da proibição de dizer além do já dito (p. 130).

Assim, a escrita psicanalítica se enlaça com a forma do ensaio na dimensão da não totalização, pois, de acordo com Adorno (2003), o ensaio é tanto aberto como fechado ao pensamento tradicional. Consoante Fischer (2009), o ensaio:

Lida com dois níveis de coisa, com dois lados: numa mão, a realidade desconhecida — o pedaço de metal, o suposto ouro, ou o fato novo, o fato desconhecido, o desafio

à inteligência —; na outra, um paradigma, a realidade conhecida, aquilo que já assente como verdadeiro, que já foi incorporado à cultura. Quem ensaia testa o que está numa mão em relação com o que está na outra. Ao fim da atividade, ajuíza sobre o valor relativo da novidade, do desconhecido que passou a ser conhecido (p. 37).

Nessa corda bamba entre o conhecido e o desconhecido, este ensaio é construído com o objetivo de apresentar e refletir a experiência de uma estagiária docente na disciplina “Constituição do Sujeito Psíquico”. O estágio de docência faz parte da grade curricular da pós-graduação, não sendo obrigatório para mestrandos(as) não bolsistas. Nesse estágio, a estagiária docente acompanhou a professora da disciplina, conduziu algumas aulas, auxiliou nas atividades (avaliativas e não avaliativas), indicou referências bibliográficas e, em conjunto com a monitora da disciplina, deu assistência aos(as) alunos(as) em casos de dúvidas.

Com base nessa experiência, são expressas ao longo do ensaio duas proposições complementares sobre a atitude do(a) docente. Isso é costurado com fragmentos da experiência em sala de aula. A primeira sessão dos Relatos e discussões tecida é “Originalidade, fidedignidade e transmissão: o(a) docente tradutor(a)”, e a segunda, “A educação opressora em interrogação: o(a) docente elástico”.

Relato e discussões

Originalidade, fidedignidade e transmissão: o(a) docente tradutor(a)

Seria o ato de traduzir a tentativa de perpetuar obras importantes? É com esse viés que Pereira (2008) prefacia o livro de Walter Benjamin *A tarefa do tradutor*, destacando as linhas que o autor utiliza para pensar as tonalidades da prática do tradutor. Benjamin (2008) assevera que a existência do engodo entre a tradução e o texto original levaria às más traduções. Além disso, demarca a tradução como uma forma, como algo localizador de sua essência.

A tradução não é apenas a transcrição de uma língua para outra. Segundo Benjamin (2008), as traduções de significativo valor têm como possível destino contribuir para o crescimento de sua língua e, por outro lado, mergulhar nas renovações emergidas a partir dela. Para o autor, a tradução abrange a dor e a vida da própria língua, não sendo uma equação esterilizada entre diferentes línguas.

Fidelidade e liberdade não devem, necessariamente, se opor. Mesmo nas traduções que manifestam maior fidedignidade às originais, há algo de não comunicável (Benjamin, 2008). Isso indica, como adverte Barreto (2002), a incapacidade do tradutor de reproduzir a intenção verdadeira do escrito original.

Em seu manuscrito *Torres de Babel*, Derrida (2002) faz um retorno ao texto benjaminiano *A tarefa do tradutor*, refletindo sobre a origem das línguas e apontando o panorama do intraduzível. A confusão é a gênese das línguas e, conseqüentemente, a tradução é necessária e impossível; necessidade, então, como impossibilidade (Derrida, 2002).

A tradução não é oriunda de um processo automático, e sim da promessa de uma reconciliação das línguas (Derrida, 2002). Ao trazer o axioma benjaminiano *a tradução é uma*

forma, Derrida salienta a polaridade das proposições (expressão/expressado; significante/significado; forma/conteúdo), ressaltando a clivagem simbolizante e simbolizado como organizadora do ensaio. Como consequência disso, há sempre uma composição original do tradutor, mesmo que seja somente no nível da expressão (Derrida, 2002).

Como essas reflexões sobre tradução se relacionam com a prática do(a) professor(a) na transmissão da psicanálise na universidade? Na experiência da estagiária docente, uma das observações colocadas em questão foi que as obras estudadas são todas de autores estrangeiros: Freud (língua alemã); Winnicott (língua inglesa) e Lacan (língua francesa). Em função da particularidade de cada língua, torna-se relevante considerar o caminho de cada obra até ser traduzida para o português brasileiro.

Convém salientar que a língua portuguesa falada no Brasil não é a mesma falada em Portugal, devido ao processo de colonização, do tráfico de pessoas escravizadas (vindas do continente africano) e da influência das línguas dos povos indígenas, além de outras línguas, como o árabe, francês, alemão, italiano etc. Inclusive, atualmente, há o resgate do pretuguês — David (2005) diz que

. . . a resignificação do Pretuguês é um ato de resistência contra a dominação colonial. Ela desafia a visão de que o português europeu é a única forma “correta” de falar, questionando as hierarquias linguísticas que foram estabelecidas para oprimir e silenciar os povos colonizados. Ao valorizar o Pretuguês, reconhece-se a capacidade desses povos de adaptar, transformar e resistir através da linguagem, mantendo viva sua herança cultural mesmo em contextos de opressão (p. 193).

Portanto, a singularidade das línguas tem relação com a cultura e a história de cada país, e isso influencia como a psicanálise vai sendo construída em determinado lugar. Para ilustrar essa questão das traduções dos(as) autores da psicanálise, neste artigo são utilizadas especificamente as obras de Freud, em virtude de haver maior variedade de traduções no Brasil.

Em uma das aulas conduzidas pela estagiária docente acerca de alguns textos metapsicológicos freudianos — por exemplo, *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/2010) —, foram abordadas, justamente, as distintas traduções realizadas no Brasil. Atualmente, as obras em maior vigência são as *Obras completas*, publicadas pela Editora Imago e pela Companhia das Letras, e as *Obras incompletas*, pela Autêntica. Na disciplina, foi utilizada a tradução dos *Textos metapsicológicos das Obras incompletas* de Freud (1915/2004), tradução de Luiz Alberto Hanns.

Nas traduções da obra de Freud, há diferenças e até mesmo divergências quanto a algumas conceituações. Uma concepção de Freud, inclusive discutida em sala de aula, é a de *trieb*: pulsão e/ou instinto? O termo *trieb* é considerado o vocábulo mais controverso em relação às (im)possibilidades da tradução dos termos freudianos, pois, de acordo com Tavares (2014), as diferentes traduções têm associação com os discursos dos distintos campos de saberes.

Na sala de aula, na tentativa de transmitir a confusão do conceito — recordando Derrida (2002), que abordou a semelhança entre Torres de Babel e confusão —, a estagiária docente fez um paralelo com um termo brasileiro muito conhecido: *saudade*, vocábulo de difícil tradução (Montenegro, 2018). Assim, foi realizada uma analogia entre *trieb* e *saudade*, enfatizando: bem como o traço cultural do significado de *saudade* na tradução para outras

línguas é perdido, *trieb*, do alemão para o português, também perde algo característico de seu sentido.

Nessa direção, a transmissão da psicanálise conduzida pelo(a) professor(a) na universidade pode ser equiparada à tarefa do(a) tradutor(a). O(a) professor(a) lida com a dificuldade de comunicar certas ideias, levando em conta os limites da língua e até mesmo a imprevisibilidade do inconsciente. Também é necessário dar conta das confusões teóricas dos(as) estudantes e suas divergentes línguas, pois, com frequência, os(as) discentes trazem na bagagem vivências pessoais. Com isso, é nessas frestas do não comunicável que o(a) professor(a) encontra a originalidade.

Devido ao fato de alguns vocábulos da psicanálise terem se popularizado na linguagem coloquial e se banalizado na cultura, os(as) discentes traziam indagações contaminadas por uma perspectiva leiga. O termo *recalque*, por exemplo, era referenciado como “uma pessoa recalçada”, e o vocábulo narcisismo, associado a “pessoas narcisistas, sem empatia, arrogantes”, e até mesmo ao Transtorno de Personalidade Narcisista. Com isso, o(a) docente precisava “traduzir” essas palavras ao transmitir as concepções próprias e específicas da teoria psicanalítica.

Destarte, pode-se supor o(a) professor(a) como uma espécie de *docente tradutor(a)*, obviamente, atentando para o sentido metafórico, considerando que a tradução, no sentido estrito, tem suas especificidades. A alegoria do(a) *docente tradutor(a)* diz respeito a uma atitude do(a) professor(a) diante do labiríntico desafio que é a transmissão da psicanálise. Portanto, a perpetuação da vivacidade dos principais autores(as) que construíram o itinerário da psicanálise advém das idiossincrasias de cada psicanalista, perpassado pela singularidade daquele que ocupa o papel de educador(a).

A educação opressora em interrogação: o(a) docente elástico

Em um texto antigo, do século XVI, intitulado *Sobre a educação das crianças*, o pioneiro dos ensaios, o filósofo francês Montaigne (1588/2010), escreve sobre a educação pedagógica de sua época direcionada à nobreza. O autor assegura que a maior dificuldade das ciências humanas é, ao mesmo tempo, a mais importante: a criação e a educação dos filhos. No ensaio, Montaigne (1588/2010) aponta que a autoridade daqueles ocupadores do lugar de ensino pode ser nociva para os que querem aprender, salientando a responsabilidade do professor e criticando as atitudes opressoras com aqueles que está ensinando.

Alguns séculos mais tarde, em um outro cenário, Paulo Freire (1968/2022) publica *Pedagogia do oprimido*, no qual discorre sobre a relação entre opressores e oprimidos. Freire (1968/2022) salienta a violência do opressor e concebe a educação como prática de liberdade. A partir do instante em que os oprimidos procuram resgatar sua humanidade, de modo a construí-la sem ter como referência os opressores, é quando eles podem restaurar a humanidade de ambos (Freire, 1968/2022).

Freire (1968/2022) critica a “educação bancária” porque ela se dá em virtude de o sistema educacional colocar o aluno como autômato, como apenas um receptor de conhecimento, sem levar em consideração a pessoa por trás do aluno. Por isso, sua proposta é o educador

dialógico, cujo maior obstáculo é atuar com o diálogo em uma estrutura que o nega. Freire (1968/2022) assevera o quanto o ato de educar está para além de um ato de depositar ou narrar conhecimentos, sendo um ato cognoscente. Escreve Freire (1968/2022):

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra* elas.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos (pp. 95-96).

Assim, percebe-se que, apesar de quase 400 anos de diferença entre Montaigne e Freire, a questão de uma pedagogia autoritária e opressora está presente nas obras de ambos. Conectando tais temáticas com a psicanálise e a instituição universitária, entende-se a dimensão de uma pedagogia opressora ainda vigente, principalmente, por estar atrelada aos contextos sociais, políticos e econômicos.

No manuscrito *Psicanálise e pedagogia*, apresentado por Ferenczi (1908/2011a) na Conferência no Congresso dos Psicanalistas, em Salzburgo, em 1908, o psicanalista húngaro expõe o quanto uma educação defeituosa, fundamentada em princípios educativos impróprios, pode trazer sofrimentos psíquicos. A negação de emoções e ideias, para o autor, é uma das manifestações de uma pedagogia opressora.

Ferenczi (1908/2011a) denuncia uma desumanização nos processos pedagógicos, pois, como consequência, leva a uma cegueira introspectiva. O recalcamento das ideias é o efeito de uma educação alicerçada em dogmas; para o autor, isso negligência a genuína psicologia do ser humano. Dessa forma, uma pedagogia opressora privaria as crianças de uma experiência lúdica e criativa (Kupermann & Dean-Gomes, 2021).

A criatividade e a imaginação, segundo hooks (2020), é uma das qualidades mais perdidas na escala do aprendizado, posto que a imaginação passa a ser visualizada como algo perigoso ou um obstáculo para a aprimoração do conhecimento. Para a autora, a morte da imaginação serve para o prevalecimento da cultura do dominador e uma forma de contenção do sistema.

Todos os movimentos por justiça social (antirracismo, feminismo, direitos dos homossexuais) insistiram no reconhecimento de que o pessoal é político. Na atual crítica à cultura do dominador, pensadores e/ou ativistas dedicados a transformar a sociedade de forma que todas as pessoas possam ter igual acesso aos direitos humanos básicos têm chamado atenção para a “colonização” da mente e da imaginação (hooks, 2020, p. 105).

A colonização da imaginação é uma das armadilhas estimuladas por uma cultura de dominação, na medida em que alimenta um auto-ódio em indivíduos de grupos oprimidos (hooks, 2020). Além disso, para hooks (2020), “a imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência que pessoas oprimidas e exploradas podem usar e usam. Em situações traumáticas, é a imaginação que pode garantir a sobrevivência” (p. 105).

Nesse ínterim, como podemos ligar a pedagogia opressora com a instituição universitária? Sendo a universidade um espaço de reflexões, discussões e debates, faz-se imprescindível pensar acerca de tal indagação. A universidade também é uma instituição de educação, conseqüentemente, perpassada por regras e dogmas, mesmo estando pautada por discursos científicos. Partindo disso, a universidade tem uma responsabilidade com a sociedade, haja vista ser o espaço de formação de profissionais.

Com isso, o(a) docente universitário(a) tem um papel significativo, na medida em que está apto para emitir saberes relevantes na práxis do(a) profissional. Contextualizando com a experiência da estagiária docente, foi necessário jogo de cintura para lidar com a turma, uma vez que a diversidade e as histórias pessoais sobre a psicologia e a psicanálise permeavam os questionamentos dos(as) estudantes.

Atualmente, com a tecnologia, em especial as redes sociais, somos emaranhados por discursos de ideais e de cancelamentos (a conhecida *cultura do cancelamento*) (Lemos, 2020), e isso reverbera nos(as) discentes em sala de aula. A cultura do cancelamento, ou linchamento virtual, de acordo com Martins e Cordeiro (2022), é um fenômeno crescente nos últimos anos.

O movimento começou nas redes sociais associado ao combate de posturas problemáticas, tais como machismo, racismo, LGBTfobia, entre outros preconceitos predominantes (Martins & Cordeiro, 2022). Para as autoras, o termo foi disseminado e banalizado, e sua conotação tem sido utilizada para referenciar qualquer manifestação reprovativa de uma opinião vista como menos grave.

Nesse viés, qualquer pessoa pode ser cancelada nas redes sociais. Observa-se isso, em geral, com pessoas famosas (Martins & Cordeiro, 2022). A cultura do cancelamento tem raízes em fundamentos políticos, ideológicos e sociais; por isso, sua definição ainda tem sido bastante discutida, principalmente, nas ciências sociais, justamente, por ser um fenômeno recente (Martins & Cordeiro, 2022).

A cultura do cancelamento tem um lado significativo, o de frear violências nas redes sociais. Entretanto, pode ir para um caminho obscuro, sendo qualquer circunstância considerada de menor gravidade. A pessoa é completamente linchada, sem possibilidade mínima de defesa contra as críticas, e vítima até mesmo de ataques. Aqui percebe-se o cuidado para que um ideal inumano não seja sobreposto às fragilidades e mazelas humanas.

Essas discussões aparecem em sala de aula na universidade, pois os(as) teóricos(as) também são seres humanos, conseqüentemente fadados a tropeços, preconceitos e interpretações equivocadas. Em alguns momentos, os(as) discentes enunciavam suas inquietações a respeito dos psicanalistas, pontuando considerações relevantes acerca de posturas teóricas um tanto engessadas e muito atreladas a concepções da cultura de uma época.

Nesses momentos, o(a) docente situava-se no *entre* em relação aos autores da psicanálise, transmitindo-os de forma crítica, mas, ao mesmo tempo, sem entrar na areia movediça do cancelamento (no sentido de linchar o(a) autor(a) completamente). Para criticar uma teoria desenvolvida por um(a) autor(a), é essencial conhecê-la profundamente para depois poder questionar e traçar diferentes caminhos. Assim, novas ramificações teóricas, transformadoras e revolucionárias são possíveis.

Aqui adentramos na importância da educação dialógica versada por Freire (1968/2022). Para o autor, o encontro dos seres humanos para *serem mais* se dá por intermédio do diálogo. A palavra, não apenas como vocábulo, grafema ou conceito, mas como práxis, como ação e reflexão, é teoria e prática (Freire, 1968/2022). Na universidade, apesar de o(a) professor(a) ocupar um lugar de saber, as construções e discussões em sala de aula também acontecem pelo diálogo. Como aponta hooks (2020):

Não somos todos iguais na sala de aula. Professores têm mais poder que estudantes. E, na cultura do dominador, é fácil para os professores usarem mal esse poder. Com frequência, estudantes que foram criados sob um pensamento dominador se sentem desconfortáveis com qualquer professor que repudie esse paradigma e busque criar reciprocidade na sala de aula. No contexto da reciprocidade, pode surgir uma parceria entre professor e estudante. Nessa parceria, pode haver afeto e amizade, ao mesmo tempo que pode haver merecido respeito pelo papel do professor (p. 179).

Assim, é possível pensar em uma ética do cuidado nas práticas educativas amparada nos princípios da hospitalidade e empatia (Kupermann & Dean-Gomes, 2021). Quem desenvolve essas palavras-ação na psicanálise é Ferenczi, como apontam Kupermann e Dean-Gomes (2021). Em *Elasticidade da técnica psicanalítica*, Ferenczi (1928/2011b) concebe a proposta do *tato psicológico* (sentir com), no qual discute a posição do analista no *setting* analítico.

Para isso, Ferenczi (1928/2011b) utiliza o exemplo do boneco João-teimoso, que, sendo empurrado, cai, mas em seguida retorna para seu estado inicial. O boneco é uma alegoria para momentos em que o analista lida com afetos desprazerosos do paciente. Ferenczi (1928/2011b) escreve:

Aceito fazer minha a expressão “elasticidade da técnica analítica” forjada por um paciente. É necessário, como uma tira elástica, ceder às tendências do paciente, mas sem abandonar a tração na direção de suas próprias opiniões, enquanto a falta de consistência de uma ou outra dessas posições não estiver plenamente provada (pp. 36–9).

A proposta da elasticidade da técnica pensada por Ferenczi é um modo de sentir com o(a) paciente “seus caprichos e humores, porém, mantendo, ao mesmo tempo, o exame e a crítica das associações livres e de suas próprias tendências” (Gondar, 2020, p. 38). Nesse viés, como afirma Kupermann (2019), a elasticidade não provém do paciente, e sim do analista. O conceito de elasticidade da técnica surge no corpo psicanalítico como uma forma de manejo clínico em que coloca o(a) analista para “se dispor da flexibilidade elástica necessária para atender aqueles que até então eram considerados inalisáveis” (Kupermann, 2019, p. 52).

Partindo disso, é possível entrelaçar uma relação entre a metáfora do elástico de Ferenczi (1928/2011b) e a postura do docente na transmissão da psicanálise na universidade. O educador também precisa estar atento às potencialidades e fragilidades do educando (Kupermann & Dean-Gomes, 2021). A escuta sensível e presente do professor pode ser uma via para amenizar sofrimentos advindos do sistema educacional (Almeida & Naffah, 2019).

Assim como destaca Freire (1968/2022), a educação como prática de liberdade não provém da dominação, e sim da relação do ser humano com o mundo e com seus semelhantes. Por conseguinte, Freire reflete sobre o diálogo e a dialética, na dinâmica opressor/oprimido;

já Ferenczi aborda isso ao realçar a dimensão relacional entre analista e analisando, quando propõe as metáforas do joão-teimoso e do elástico.

Desse modo, a educação é a capacidade de transformar-se a si mesmo e ao outro coletivamente (Almeida & Naffah, 2019). Refletindo sobre isso, é possível conceber a metáfora do(a) *docente elástico* como daquele que se adapta às circunstâncias ocorridas em sala de aula e, ao mesmo tempo, consegue manter uma tração sem ser desmantelado. O elástico estica, distancia-se e se aproxima, entretanto também mantém algo de intacto. Assim, transmitir a psicanálise é um trabalho árduo, contudo possível, como um elástico, que se adapta, porém não se quebra.

Considerações finais

Freud, Benjamin, Derrida, Freire, Ferenczi, entre outros(as) autores(as), são reunidos neste ensaio aparentemente confusional que buscou costurar, como numa colcha de retalhos, reflexões e discussões sobre a transmissão da psicanálise na universidade. Partindo do objetivo do artigo, cujo intuito foi refletir possíveis posturas docentes diante da transmissão da psicanálise nas universidades, articula a experiência de uma estagiária docente com uma fundamentação teórica que convoca a pensar as intempéries e as imprevisibilidades surgidas em uma sala de aula no ensino superior.

Apesar de psicanalisar e educar serem algumas das *profissões impossíveis* para o precursor da psicanálise, transmitir a psicanálise na universidade e suas ramificações é possível, desde que leve em consideração a dimensão do inconsciente e das incomunicabilidades. Assim como foi enlaçada a tarefa do(a) tradutor(a) com a postura do(a) docente, há uma distância entre a tradução e o texto considerado original.

Dessa forma, há possibilidades e impossibilidades na postura docente, bem como no processo de tradução. Pode-se supor que a transmissão do(a) docente acontece *entre* a possibilidade e a impossibilidade. A metáfora do(a) *docente elástico* é uma alternativa para contrapor uma pedagogia opressora, a qual tanto Freire como Ferenczi, no limite de seus respectivos campos de trabalho, criticam.

Estabeleceu-se ao longo do ensaio uma articulação especial entre os autores Freire e Ferenczi. Enquanto um profere uma educação com base no diálogo, na liberdade e na humanização, o outro trabalha com o tato psicológico, uma escuta sensível e com a hospitalidade. Por conseguinte, as metáforas *docente tradutor(a)* e *docente elástico* são duas posturas viáveis para o(a) professor(a) em sala de aula. Tais posturas são tecidas conjuntamente para construir com os(as) estudantes um repertório dinâmico do itinerário psicanalítico.

Portanto, considerando a incompletude dos saberes e os aspectos fronteiriços e limitadores do próprio campo da psicanálise e a dimensão da inmutabilidade, e o modo como este artigo foi escrito em forma de ensaio, há lacunas a serem (re)pensadas sobre a transmissão da psicanálise. Ao mesmo tempo, o ensaio dirige-se ao diálogo para que novas pesquisas sejam realizadas nessa temática, pois se assegura, justamente, no entre o aberto e o fechado do campo do pensamento tradicional. Por isso, enfatiza-se a importância de escritos alicerçados em experiências, posto que tais pesquisas abrem espaço para narrativa, criação e flexibilidade.

Referências

- Adorno, T. W. (2003). O ensaio como forma. In Adorno, T. W. *Notas de literatura*. (Vol. I, pp. 15-45). São Paulo: Editora 34.
- Almeida, A. P. & Naffah, A., Neto. (2019). Psicanálise e educação escolar: ressonâncias de Sándor Ferenczi para uma pedagogia do cuidado. *Estilos da Clínica*, 24(2), 262-275. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p262-275>.
- Andrade, L. L. F. (2012). Psicanálise e universidade: questões sobre a formação do analista e o ensino na graduação em psicologia. *Psicologia, Diversidade e Saúde*, 1(1), 55-64. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v1i1.40>.
- Barreto, J. (2002). Nota da Tradutora. In Derrida, J. *Torres de Babel*. (pp. 7-10). Barbacena: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Benjamin, W. (2008). A tarefa do tradutor. In Branco, L. C. (Org.), *A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. (pp. 25-50). Barbacena: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Castro Neto, J. F. (2022). *A aceleração tecnológica na modernidade tardia: uma análise sociológica comparativa sobre os efeitos sociais, psicológicos e neurológicos diagnosticados pela sociologia de Hartmut Rosa, pela psicologia social de Jean Marie Twenge e pela neurociência de Manfred Spitzer*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, Brasil.
- Cruz, F. A. D. (2014). *O impacto do uso de mídias tecnológicas (tecnologia móvel-internet) na qualidade de vida de adolescentes*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Dal Forno, C. & Macedo, M. M. K. (2021). Pesquisa psicanalítica: da transferência com a psicanálise à produção do ensaio metapsicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37406>.
- David, M. T. (2025). Pretuguês e a sua ressignificação: do olhar pejorativo à resistência/representação sobre as marcas de africanização linguística. *Signo*, 50(99), 189-199. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.17058/signo.v50i99.20692>.
- Derrida, J. (2002). *Torres de Babel*. Barbacena: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Diniz, M. (2011). Prefácio. In Merch, L. M. & Pereira, M. R. (Eds.), *Psicanálise, transmissão e formação de professores*. (pp. 7-14). Belo Horizonte: Fino Traço.
- Ferenczi, S. (2011a). Psicanálise e pedagogia. In Ferenczi, S. *Obras Completas Psicanálise*. (2ª ed., Vol. I, pp. 39-44). WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1908).
- Ferenczi, S. (2011b). Elasticidade da técnica psicanalítica. *Obras Completas Psicanálise* (2ª ed., Vol. IV, pp. 29-42). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1928).
- Fischer, L. A. (2009). *Inteligência com dor: Nelson Rodrigues ensaísta*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.
- Freire, P. (2022). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra. (Obra original publicada em 1968).

- Freud, S. (1976). Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII, pp. 281-288). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In Freud, S. *Obras Completas* (Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2010). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In Freud, S. *Obras Completas*. (Vol. 14, pp. 377-381). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1919).
- Freud, S. (2004). As pulsões e seus destinos. In Freud, S. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Tradução de Luiz Alberto Hanns (Vol. 1, pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2017). A análise finita e infinita. In Freud, S. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. (Vol. 6, pp. 315-364). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1937).
- Gondar, J. (2020). Psicanálise on line e elasticidade da técnica. *Cadernos de psicanálise*, 42(42), 37-45. Recuperado em 18/06/2026 em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952020000100003&lng=pt&tlng=pt
- hooks, b. (2020). *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6(1), 115-138. Recuperado em 18/06/2026 em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>>.
- Kessler, C. H. & Silva, T. P. (2021). Psicanálise, clínica e universidade: impasses e possibilidades. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, 1-9. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37415>.
- Kupermann, D. (2019). A virada de 1928: Sándor Ferenczi e o pensamento das relações de objeto na psicanálise. *Cadernos de psicanálise*, 41(40), 49-63. Recuperado em 18/06/2026 em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952019000100004&lng=pt&tlng=pt
- Kupermann, D. & Dean-Gomes, G. (2021). Sándor Ferenczi e os Princípios para uma ética do cuidado nas práticas educativas. *Interacções*, 17(59), 28-49. Recuperado em 18/06/2026 em: <<https://doi.org/10.25755/int.25100>>.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1966).
- Lemos, R. (2020, 15 jun.). O que pretende a infértil “cultura do cancelamento”? *Outras Palavras: Jornalismo de Profundidade e Pós-Capitalismo*. Recuperado em 04/01/2024 em: <<https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/a-grande-feira-das-ideias-prontas/>>.
- Martins, T. A. L. & Cordeiro, A. P. (2022). A “cultura do cancelamento”: contribuições de um olhar sociológico. *Extraprensa*, 15(especial), 29-47. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2022.194383>
- Ministério da Educação. (2023, março). Dia da Mulher: mulheres são maioria na docência e gestão da educação básica. GOV.BR. Atualizado em 27/07/2023. Recuperado 16/11/2025 em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>
- Montaigne, M. (2010). Sobre a educação das crianças. In Montaigne, M. *Os ensaios*. Companhia das Letras (pp. 84-130). (Obra original publicada em 1588).

- Montenegro, M. R. C. (2018). *A saudade: entre a natureza fenomênica e o ontologismo cultural*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.
- Pereira, L. C. S. A. (2008). Apresentação. In Branco, L. C. (Org.), *A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. (pp. 5-8). Barbacena: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Rosa, M. D. (2001). Psicanálise na universidade: considerações sobre o ensino de psicanálise nos cursos de psicologia. *Psicologia USP*, 12(2), 189-199. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642001000200016>
- Tavares, P. H. (2014). Sobre a tradução do vocábulo Trieb. In Freud, S. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. (Vol. 2, pp. 73-90). Belo Horizonte: Autêntica.
- Winnicott, D. W. (2019). *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1971).

The teacher as a translator and as an elastic being: an experience on the transmission of psychoanalysis at the university

Abstract

Transmitting psychoanalysis in universities has been under discussion since its inception. Education and psychoanalysis meet in the classic Freudian axiom: educating, governing and psychoanalyzing are impossible professions. Therefore, this article aims to reflect on the teacher's attitude in the classroom, when teaching psychoanalysis at the university, based on an experience report from a teaching intern. The subject in which the internship was carried out is entitled: "Constitution of the Psychic Subject", and belongs to the psychology degree in a university in southern Brazil. The methodology of the article is a narrative experience report based on psychoanalytic investigation in the form of an essay. The convergence between experience, praxis and theory weaves this essay. To this end, two possible positions of the professor in relation to the transmission of psychoanalysis at the university are portrayed. Initially, the metaphor of the teacher as a translator is discussed, with the help of Walter Benjamin and Jacques Derrida. Subsequently, in the second part of the discussion, the teacher is thought for being elastic, for this purpose, using the principal authors Paulo Freire and Sándor Ferenczi as support. These stances emerged as a reflection of the teaching internship experience and show the construction of possible paths for the transmission of psychoanalysis at the university in the contemporary context. The convergence between experience, praxis and theory weaves this essay.

Keywords: Psychoanalysis and education. Teacher and translator. Elastic teacher. Transmission. University.

Le professeur comme traducteur et élastique: une expérience sur la transmission de la psychanalyse dans l'université

Résumé

Transmettre la psychanalyse dans l'université est en discussion depuis son début. L'éducation et la psychanalyse se trouvent dans l'axiome classique freudien: éduquer, gouverner et psychanalyser ce sont des professions impossibles. Alors, cet article a comme intention réfléchir sur la posture du professeur en salle de classe, dans l'enseignement de la psychanalyse dans l'université, basé sur un rapport d'expérience d'une professeure stagiaire. La matière dont le stage a été fait a comme titre Constitution du Sujet Psychique et appartient au programme de diplôme en Psychologie dans une université au sud du Brésil. La méthodologie de l'article est un récit d'expérience narrative fondé sur la recherche psychanalytique sous forme d'essai. La confluence entre expérience,

praxis et théorie tissent cet essai. Pour ça sont décrites deux positions possibles du professeur en ce qui concerne la transmission de la psychanalyse dans l'université. D'abord on discute, avec l'aide de Walter Benjamin et Jacques Derrida, la métaphore du professeur comme traducteur. Subséquemment, dans la deuxième partie de la discussion on pense le professeur comme élastique, en utilisant comme référence les principaux auteurs Paulo Freire et Sándor Ferenczi. Ces postures ont émergé comme un reflet de l'expérience de stage d'enseignement et montrent la construction de possibles voies de transmission de la psychanalyse à l'université dans le contexte contemporain. Les positions pensées ne sont pas d'exclusion, au contraire, elles convergent.

Mots-clés: Psychanalyse et éducation. Professeur traductrice. Enseignant(e) élastique. Transmission. Université.

El docente como traductor y elástico: una experiencia sobre la transmisión del psicoanálisis en la universidad

Resumen

La transmisión del psicoanálisis en las universidades ha estado en discusión desde su principio. Educación y psicoanálisis se encuentran en el clásico axioma freudiano: educar, gobernar y psicoanalizar son profesiones imposibles. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la actitud del docente en salón de clase, cuando imparte psicoanálisis en la universidad, a partir de un relato de experiencia de una pasante docente. La asignatura en la que se realizó la pasantía se titula Constitución del Sujeto Psíquico y pertenece a la carrera de psicología de una universidad del sur de Brasil. La metodología del artículo es un relato de experiencia narrativa fundamentado en la investigación psicoanalítica en forma de ensayo. La convergencia entre experiencia, praxis y teoría teje este ensayo. Para ello, se retratan dos posibles posiciones del profesor con relación a la transmisión del psicoanálisis en la universidad. Inicialmente se discute la metáfora del profesor como traductor, con la ayuda de Walter Benjamin y Jacques Derrida. Posteriormente, en la segunda parte de la discusión, se piensa al docente como elástico, para ello, utilizando como apoyo a los principales autores Paulo Freire y Sándor Ferenczi. Estas posturas surgieron como un reflejo de la experiencia de la práctica docente y muestran la construcción de posibles caminos de transmisión del psicoanálisis en la universidad en el escenario contemporáneo. Las posiciones consideradas no son excluyentes, al revés, convergen.

Palabras clave: Psicoanálisis y educación. Docente y traductor(a). Profesor(a) elástico(a). Transmisión. Universidad.

Submetido em: 28/01/2024

Revisado em: 04/11/2025

Aceito em: 18/11/2025